

TERRITÓRIO E IDENTIDADE: AS MÍDIA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

Sérgio Gertel*

Gostaria de discutir a organização espacial da *mídia* para uma tentativa de entendimento do como, por quem e para que é feita a comunicação social consciente; a criação do imaginário viável, aquela parte do imaginário criado que se transforma em consumo. Método e metodologia compõe a formulação da idéia sugerindo as investigações, o conhecimento das coisas e de seus agenciamentos. Busca-se o movimento criado pela comunicação consciente através do lugar, essencialmente geográfico, que é o *mundo midiático*.

Este mundo produz um outro tempo, segundo Deleuze e Guattari: *“O sujeito e o objeto oferecem uma má aproximação do pensamento. Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e um objeto, nem uma revolução de um em torno de outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. ...”*. A organização espacial como meio técnico-científico-informacional (*meio de imanência*) seria o plano de imanência para que o impacto da Informação, capaz da desterritorialização, encontre os limites e as variáveis da reterritorialização. *“... A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os outros elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios, que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território). Não se pode dizer qual é o primeiro. ...”*.¹

O tema da Informação pode ser tratado a partir dos objetos geográficos concretos que são os meios de comunicação, nexos comunicacionais: instrumentos tecnológicos para transmissão e recriação das informações que compõem as *"máquinas informacionais"*, podendo ser os nexos (re)territorializantes. Os meios, os veículos, são comumente conhecidos como os elementos das mídias e aqui serão tomados como objetos empíricos de investigação sob a lógica do sistema de engenharia comunicacional. São os veículos que permitem que existam as trajetórias específicas e suas conseqüências. *“... Com efeito, chama-se meio ambiente o que se encontra entre, em volta ou no interior dos seres. ‘A erva cresce pelo meio’ (Deleuze) ... Sem dúvida, mas nos dois sentidos do termo!”* (D. Bounoux, 1994: 30).

O empírico é regido pelo fluxo da informação, seus meios e quantidades, seus efeitos e qualidades, bem como, por quem e para que o utilizam. Nas Ciências Humanas o significado é o que interessa no entendimento do homem. *“... Onde julgávamos tratar de coisas, é preciso levar em consideração fluxos; substituir as causas pontuais por sistemas e interações; entre os seres estáveis introduzir a dialética, os círculos recursivos, em poucas palavras, o pensamento comunicacional”* (Idem, 1994: 32).

Segundo Lucien Sfez, a comunicação é entendida, na concepção *representativa*, *“como produção voluntária, ... não passa de um objeto exterior àqueles que a produzem ou consomem, trata-se de uma matéria e, como tal, tem uma extensão, ocupa um espaço, admite partes e pode ser quantificada se houver um tratamento específico”* (1994: 44).

* Professor Assistente. Faculdade de Ciências e Letras - UNESP. Araraquara, Brasil

Para tanto, “a informação é então definida pela relação entre o que poderia ser dito e o que é dito de fato. Em outros termos, ela é a medida da escolha efetuada entre as possibilidades. ...” (1994: 45). É construção de um mundo maquinal.

Porém, na concepção *expressiva*, a comunicação requer “a mudança, ou diferença, é uma mudança de nível de informação, um reenquadramento, isto é, a criação de um contexto. ...” (Ibidem, 1994: 54); busca um entendimento da diferença pela qualidade que a variação dos níveis permite, que a interação entre eles veicula e que o fluxo realiza. Neste caso, “a informação é uma diferença que produz diferença”, na qual, “a interação batesoniana é vista como processo de mudança a construir” (Ibidem, 1994: 55).² É a ação em um mundo organizacional.

É, pois, da transdisciplinariedade das ciências que se tem necessidade, mesmo que ainda encontre a contingência dos limites de cada compreensão do mundo, de cada interpretação científica e sua contribuição ao conhecimento humano. A Geografia sempre esteve ligada às localizações das atividades humanas (o onde?), com os sujeitos das atividades (o quem?) e às maneiras e justificativas dessas ações (o como? o por que?). Como processo espacial, a questão do tempo incorporou-se ao método das ciências humanas de uma forma que, para Geografia, deu novos significados as ações humanas (o quando?). Hoje, se procura absorver das relações humanas concretas o seu grau de permanência e de modificação nas ações quotidianas, isto se torna viável pela interpretação das ações localizáveis em suas finalidades e lugares (o para quê?).

O que se está pondo em discussão é a posição de uma perspectiva geográfica na problemática da dobra (ruptura ou união?) que a Informação provoca no Espaço a partir do Tempo; ou será uma ruptura informacional, do Tempo através do Espaço? Este questionamento é o resultado de uma investigação abrangente da Geografia miltoniana como *filosofia das técnicas* (S. Gertel, 1996), que permite colocá-la na base das investigações das relações humanas atuais.

Os elementos do espaço (M. Santos, 1985: 6) dão fortes nexos para a compreensão das relações sociais, isto porque antes de serem objetos inertes, são os próprios sujeitos vivificadores dos processos. O «espaço Natureza social» (M. Santos, 1982: 27), sustentado na análise pela «filosofia das técnicas», encontra nos meios comunicacionais e nas máquinas informacionais uma lógica permanentemente renovada para a produção social, mas cujas finalidades são inercialmente velhas (M. Santos, 1978), quer dizer, são da natureza espacial (M. Santos, 1996). O estudo, então, passará a ser adequado à análise do espaço geográfico e às contingências do tempo humano, redefinindo os seus contornos com relação aos limites ou fronteiras entre o público e o privado, e aos níveis concernentes à oposição norma e autonomia do indivíduo e da comunidade.

Para a geografia informacional

Atualmente, o *paradigma informacional*, leva-nos ao estudo da comunicação massificada na tecnosfera e à organização do espaço geográfico. As ciências vivem em transformação, a relação geral dos fatos naturais e dos fatos sociais ganhou em qualidade e dimensão. Este diálogo é próprio da ciência geográfica. Ela tem a sua teoria e sua prática historicamente construída, ambas estão abaladas pela complexidade de se atuar na realidade do tempo. Uma consonância científica entre cotidiano, informação, espaço e tempo, não se mostra de fácil desenvolvimento e este, certamente, é um saudável desafio como *espaço informacional*.

Com a transformação do meio técnico em meio técnico-científico, agora informacional (M. Santos, 1994) ocorre, efetivamente, a base construtiva de um meio comunicacional que estrutura a *sociedade informacional*, o meio informacional. É a vida da comunidade que produz um meio espaço-temporal. A noção de *fluxo*, incorporada à produção das sociedades com a transformação que os transportes provocaram na organização humana, é o que viabiliza a consciência da comunidade. O fluxo que o transporte sempre produz, em essência, busca uma forma de comunicação, de informação como energia, de organização informacional.

O espaço geográfico estudado pelo nexo da informação expõe o complexo debate com relação à imagem, ou melhor, à linguagem e ao meio, à forma-conteúdo como veículo de expressão momentaneamente finalizado da vida humana. Estabelecê-lo na dimensão do território e do lugar é necessário, porque a principal característica da informação geográfica criativa é que nela não ocorre a superação do espaço pelo tempo, antes, o espaço é o efetuator que só aparentemente se torna inexistente, pois é inerente ao ser, ou seja, subsistente – o transporte de qualquer criação humana sempre será um problema, melhor ou pior resolvido conforme os mecanismos para a promoção dos fluxos, das ações, dos movimentos, conforme a fluidez do território possibilitada pela integração dos sistemas tecnológicos, do meio artificial – quer dizer, é comunicação.

Hipóteses para o espaço *mediático*

Para o estudo geográfico da fluidez, da tendência espacial que o movimento das informações e que as comunicações incluem em seus aspectos e características, apoieme em hipóteses reflexivas do elemento *mediático*.

1. *Estudar a organização espacial através da influência da informação e da comunicação como fatores geográfico, é traçar um caminho próprio de estudo, uma singularidade cujo princípio é híbrido, porque é fruto da multiplicidade e diversidade; porém, dentro de uma visão de mundo compartilhada com outros seres humanos; isto porque o fluxo e os elementos espaciais que surgiram para sua agilização, e que carecem de serem entendidos como objeto geográfico, são pesquisados, explicados, justificados e desenvolvidos por diversas disciplinas que interferem na realização desse meio informacional — dos transportes às materializações. Entender interna e externamente o meio é, ainda, uma das tarefas geográficas da atualidade, para tanto, seguir a idéia da informação como comunhão é uma tarefa transdisciplinar e permanente, pois, serão outros, que também têm preocupações com o espaço humano, que nos ajudarão a esclarecer a comunicação efetiva.*

Com a variável tempo, introduzida empiricamente neste século, a energia é a informação, mas é a temática das comunicações que se coloca como um objeto primário capaz de atingir e acompanhar o paradigma em movimento; isto é, ter uma preocupação substantiva com o presente de modo a que no processo da pesquisa o futuro não seja esquecido; isto porque aqui o futuro faz parte da realidade não só como virtualidade, mas como virtualidade que busca ser realidade.³ Como energia que percorre a forma de comunicação, em uma perspectiva informacional, de controle e movimento. (S. Gertel, 1993)

2. *É o mercado o lugar de busca dos referenciais para serem analisados no uso dos veículos, como máquinas informacionais e seus sujeitos, os produtores e consumidores da informação. Com o mercado o fetichismo toma forma-conteúdo. Ele é um*

estruturador do espaço e do tempo que, com suas forças coercitivas invade o Estado (ou, quem sabe ainda, o Estado-Nação) como seu duplo; como um associado. Um dos seus instrumentos de sobrevivência é o universo comunicacional formado a partir do meio técnico-científico-informacional.

Sendo uma variável analítica, ele é considerado como “... *um fator de controle, um dado de unificação, um conjunto de elementos capazes de estabelecer um dado equilíbrio (equilíbrio geral da economia). Age, aparentemente, sem violentar ninguém e passa de uma situação de equilíbrio para outra. Este equilíbrio, que o mercado tem como função restaurar a todo instante, muda de significação com o tempo. ...*” (M. Santos, 1988: 100) Contudo, o que muda é a forma-conteúdo de manutenção da concepção mercadológica, e não o seu próprio significado. Porque, quando pensamos na produção das mercadorias, no sentido em que elas se estabeleceram na vida cotidiana dos indivíduos e das sociedades, onde tudo – infelizmente em todos os sentidos⁴ – foi transformado pelo uso do valor de troca, pelo sentido do lucro no uso da troca como afirmou Fred Inglis, “... *as relações sociais no capitalismo são dominadas e formadas diretamente pelas relações de troca — compra e venda no mercado. ...*” (1993: 152) Produzir para o mercado é mantê-lo na reprodução da essência do capitalismo, o lucro. Com o meio técnico-científico mundializado, os veículos antes de competirem acirradamente entre si, competem procurando a cooperação para um fim comum, uma organização mercadológica em qualquer forma de relação de troca, isto é, comunicação humana. “A *mídia* está íntima e tecnicamente entrelaçada com o mundo das comunicações, quer através da divulgação de jornais e revistas pelos serviços postais, quer através da difusão de som e imagens por meios rádio-elétricos”.⁵

A mensagem necessita de meios de transmissão para ser eficaz, é o inevitável efeito tecnológico para manutenção das razões do mercado. “*Contudo, insiste Marx, há um princípio unitário que sustenta e dá forma a todo esse distúrbio revolucionário, à fragmentação e à insegurança perpétua. O princípio reside no que ele denomina, bem abstratamente, “valor em movimento”, ou, mais simplesmente, a circulação do capital, incansável e eternamente em busca de novas maneiras de auferir lucros. ...*” (D. Harvey, 1992: 103).

3. *Além das próprias inovações internas aos meios, que não podem ficar sem cuidadosa investigação; para que o fluxo seja cada vez mais simultâneo e instantâneo entre os diferentes lugares, o aperfeiçoamento desses instrumentos tecnológicos promove veículos ágeis na interação e integração entre as pessoas nos lugares; entre os diferentes lugares e, entre os diferentes tipos de agentes sociais e econômicos que compõem a organização espacial. O resultado atual é uma distribuição dos veículos pelo território que varia sensivelmente com o repertório de cada comunidade, formando uma complexa organização no circuito e na cooperação da produção informacional.*

Esta investigação da produção do meio, do espaço intermediário dos fluxos, possibilita encontrar os limites de cada interferência, as possibilidades de intervenção de cada tecnologia da informação. É a construção de uma periodização que seja capaz de dar conta de um movimento que é acima de tudo dialético dentro de sua existência, no uso cotidiano de cada veículo em seu tempo e espaço e, no espaço-tempo de todos. Talvez, aqui seja necessário sugerir que exista um sentido territorial. É um efeito técnico da informação que coloca a industrialização da comunicação de massa na ordem urbana, ele promove a (in)consciência da informação como nexos da comunidade; constituindo-se em fato social capaz de difundir os "saberes" à escala mundial/local e colocando em

evidência a seletividade do informacional – “... a existência de hierarquias, separadas no sistema representativo, em níveis emaranhados no sistema expressivo. ...” (L. Sfez, 1994: 128).

O estudo da comunicação nos coloca portanto diante de um paradoxo: a difusão de seus veículos no conjunto das sociedades que propiciou a base para o consumo é também a razão de ser da produção de mercadorias. Talvez seja isto que faça as *mídia* serem imediatamente associada ao consumo. As *mídia* praticam a compra e venda de mercadorias (mesmo que sejam informações) que, nos veículos, são o conhecimento dos produtos, resultado da indústria cultural das mercadorias. Onde, para David Harvey, “... a propaganda e a comercialização destroem todos os vestígios da produção em suas imagens, reforçando o fetichismo que surge automaticamente no curso da troca no mercado.”⁶ A sua utilização influencia a dinamização dos negócios entre anunciantes-produtores, público-consumidores e empresas de propaganda – que são também um *médium* (seria um meio dos meios?).

Mas, existe ainda o que por ser fato social e territorial condensa a geografia e a comunicação, sendo locus da produção e multiplicação das informações: as cidades. A cidade onde os meios e as linguagens se encontram para produzir seus territórios, a produção do espaço pelo que é novidade e, principalmente, por ser um próprio das rugosidades.⁷ Nelas coexistem o passado e o futuro através da produção de uma urbanidade potencial dos territórios. Assim, pode-se entendê-la como um devir, “a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma coisa na mente. A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.”⁸ As cidades produzem os símbolos para serem consumidos pelo território da urbanidade como comunicação, o interno e o externo de seu espaço produzido.⁹

4. *A investigação e análise da sociedade informacional como fenômeno espacial através da realização da comunicação, deve combinar o indivíduo e a massa, o privado e o público, portanto os sujeitos sociais como seres cognoscitivos — o ser humano e a cidade. A extensão do humano, da cidade à rede urbana, efetiva a nodalização do lugar de controle (as cidades) como uma sucessão de acontecimentos, cujos significados mudam a condição humana. A comunicação social, configurada atualmente em sistemas de engenharia da comunicação de massa - as mídia, servirá como nexos analítico das estruturas e processos que realizam a formação sócio-espacial. Sociedade de consumo ou sociedade de massas tem a ver com a troca de informações, com a comunicação acelerada.*

Comunicar é expressar-se pela *mídia*, sendo a forma de entrar em contato com os outros, constituindo-se em um processo individual e coletivo com instrumentos específicos. Através da lógica industrial também transformou-se em mercadoria, organizou-se em firmas e criou seus conglomerados. Ela compõe a tecnologia da comunicação em massa, promovendo a cultura a partir da inovação que é a notícia-mensagem-informação (seja qual for seu objetivo) como mercadoria.¹⁰ Uma sociedade informacional começa a ocorrer com os elementos complexos das sociedades de massas que passa a se instalar em meados do século XX. Porém, é bom lembrar o que nos diz Pierre Lévy: “... O estado das técnicas influi efetivamente sobre a topologia da megarrede cognitiva, sobre o tipo de operações que nela são executadas, os modos de associação que nela se desdobram, as velocidades de transformação e de circulação das representações que dão ritmo a sua perpétua metamorfose. A situação técnica inclina, pesa, pode mesmo interditar. Mas não dita.” (1993: 186)

Estes objetos de complexa organização transformaram as variáveis e seus sistemas, estudá-los pelo nexos territorial e locacional, de identidade e finalidade que os acompanha, pode trazer elementos para análise do desenvolvimento da comunidade humana que ajudem a entender a participação dos sujeitos sociais na massificação do processo informacional.

O espaço geográfico e seu devir

A partir do espaço geográfico, a análise da realidade humana tem como princípio de método o conhecimento, ou antes, a consciência da totalidade do presente. *"A geografia é uma tentativa de interpretação de uma situação, e uma situação inclui as suas heranças, através da materialidade e da iconografia, por intermédio do jogo dialético entre o que deixou de ser e o que quer ser. Isto é o presente. ..."* (M. Santos, 1989: 420). O objeto é dado por uma materialidade construída em uma natureza humana, produzindo a Geografia que busca a ação. É aqui que as idéias se complicam ainda mais, porque o momento de realização da ação é sempre o depois, o futuro. Como afirmou Milton Santos, *"o presente é o real, o atual que se esvai e sobre ele, como sobre o passado, não temos qualquer força. O futuro é que constitui o domínio da vontade e é sobre ele que devemos centrar o nosso esforço, de modo a tornar possível e eficaz a nossa ação."* (1988: 85)

Todavia, é o espaço midiático criado no meio técnico-científico informacional, um lugar para a investigação de uma situação real-total em movimento. O presente espaço do homem tem em suas formas-conteúdo, também, um de seus princípios de método: a história do objeto, o movimento do tempo na "coisa" construída, a historiografia do "ser humano" e da "coisa humana". Na prática, os objetos de investigação das ciências só possuem significado por sua essência humana, pelo processo de uso "da coisa", pela *práxis* humana (banal ou científica). A investigação tem que partir do objeto criado para o uso e significado do objeto, buscando o entendimento da lógica intrínseca à organização espacial.

É importante destacar que as condições de uma investigação desta natureza devem permitir que o universo conceitual esteja propenso às metamorfoses. Mesmo porque, a história do desenvolvimento dos diversos elementos da mídia constrói o próprio processo de seu entendimento e seu poder transformador. No mundo *Frankenstein* *"... a constatação tecnológica prevalece. Ela rege a visão de mundo. O sujeito só existe através do objeto técnico que lhe atribui seus limites e determina suas qualidades. A tecnologia é o discurso da essência. Ela diz tudo sobre o homem e seu vir-a-ser. ..."*. Segundo Sfez (p. 32), *"... Pela técnica, o homem pode existir, mas não fora do espelho que ela lhe estende. ..."*

Isto faz com que o pensamento geográfico não se distancie das conceitualizações que tentam tratar da virtualização do real. São elas, justamente, que estão ligadas à questão dos meios, os intermediários ligados à ubiquidade informacional. Talvez, como nos quer dizer André Parente: *"... O poder das imagens integradas à mônada eletrônica planetária está baseado na ubiquidade da partícula imagética em função do poder de reversão e de conversão da unidade capital-imagem-informação."* (A. Parente, 1993: 29) Para onde vamos é o que vamos descobrir, mas vamos ter que ir junto com a *informação, a rede, o mundo, a linguagem, a comunicação, as máquinas informacionais e, a precariedade da formação de uma comunidade cibernética (informática?)*, virtualização que afasta o *ser* de uma genuína *comunidade humana*.

As imagens do discurso

Na defesa de uma tese, de uma idéia que contribua para uma imagem do mundo real, não se pretende dizer que o evento seja o real-total, o todo em acontecimento. O evento, para Isabelle Stengers, não é a sua garantia de veracidade: "*o fato de algumas ciências poderem criar "testemunhas fidedignas", capazes de constituir um daqueles que falam enquanto representante "objetivo", não traduz os méritos racionais dessas ciências.*"¹¹ Isto significa que, antes de se ter que provar por intermédio de um evento, o que se busca é apreender a complexidade do mundo que é realizado. A realização contemporânea é produto, também, de uma forma de entendimento do mundo, a imagem. Ela é a condensação e a explosão das informações; a síntese, o início e o fim. O conjunto de relações e conceitos, é resultado e elemento primário para a recriação, para emergência do novo. Então, noções como *mundo, rede, linguagem, informação, comunicação, máquinas informacionais* e, *comunidade*, participarão da lógica do discurso. São elas que, talvez, consigam permitir o movimento transdisciplinar para a absorção do consumo massificado da informação e para sua produção insana na organização espacial. Elas compõem o universo por onde as *mídia* se efetivam, permitindo a construção do comunicacional como agente das metamorfoses; como o espaço geográfico em permanente movimento e onde este agente é criador e mantenedor da necessidade de movimento no sentido do lucro, da permanente troca capitalista.

Mundo é um conceito geográfico, é localizador e organizador por excelência. Constitui um plano de ordem e de dimensão, a organização humana com alguma finalidade, a sobrevivência da espécie humana. Por isso, acompanha as variáveis que influem na alteração das relações humanas, as novas condições provocadas pela informação, comunicação e linguagem; para ficarmos em torno da preocupação que nos norteia. A ciência e a técnica, as tecnologias, promoveram a realização de um mundo maquinal pelas contradições da dialética e do diálogo que o homem realiza no seu devenir, isto é, na contradição entre o indivíduo e a comunidade. "*... A evolução da história não é inelutável nem se reduz nunca à submissão das partes por um todo. A socialização é resultante dos espíritos e conduz a mudanças nos espíritos. Eles atuam uns sobre os outros especialmente por meio das comunicações contraditórias e das aproximações sucessivas dos diálogos interpessoais e sociais, os quais operam uma socialização dos todos e do todo pelas partes*" (F. Perroux, 1965: 113).

Considerar o mundo como um parâmetro de localização, o lugar da vida humana, requer que o ser humano seja cosmopolita, na essência do processo territorial da urbanidade como estrutura da unidade da comunidade. Através da urbanização, o mundo atinge a rede de metrópoles, de lugares onde o cidadão se sente integrado ao mundo; porém, este grau de unidade não abre mão de que o cidadão seja um ser cosmopolita consciente de um cotidiano complexo e contraditório. É por isso que, mais do que antes deste grau de complexidade, se afirma que "*... a luta política cotidiana, a necessidade de combater os adversários com todas as armas, conduzem muito freqüentemente à afirmação de uma unidade necessária entre a obra e a ação do indivíduo, quando são julgadas do ponto de vista de sua eficácia social objetiva*" (L. Goldmann, 1967: 78). Pois é o que poderá garantir a sustentabilidade de nossa vida no mundo.

Pensar a constituição do mundo a partir da dialética e do diálogo vai requisitar o conceito de rede, porque é uma estrutura de resistência e de movimento, de contradição.

Ela é uma estrutura que pode ser notada como real e virtual, estando em várias instâncias humanas. É uma estrutura que liga e desliga o cidadão ao mundo e o mundo ao cidadão; no curso dos acontecimentos "... *hoje em dia, ser civilizado é viver várias identidades sem nostalgia, sem drama, mas (...) com desligamento.*" (D. Bougnoux, 1994: 316). A rede permite o entendimento das relações humanas como interfaces, contatos através dos sistemas informacionais onde as finalidades são expostas porém, nem sempre entendidas.

É a partir deste convívio da rede, em uma situação heterarquica (D. Bougnoux, 1994: 269), que se pode perceber as ligações da *linguagem, informação e comunicação*. A linguagem viabiliza uma identidade e a interatividade, permite ao passado e ao futuro comporem o presente, permite a presença da informação como memória, mais, como memória ativa, capaz de vida. A linguagem é oral, escrita e de imagens, atravessa o tempo e o espaço produzindo os seus próprios meios de sobrevivência. Ela foi por muito tempo o único veículo de comunicação, "*assistimos, no entanto, a uma viragem importante do mundo técnico com a recente extensão da tecnicidade aos domínios da manipulação das relações sociais, da experiência subjetiva e do mundo da linguagem.* ..." (A. D. Rodrigues, 1990: 74).

Rede e linguagem, permitem a existência de idéias como informação e comunicação. Contudo, não são independentes, "*a comunicação de uma mensagem varia em razão inversa de sua informação...*" (D. Bougnoux, 1994: 312). Talvez, na dependência da rede e da linguagem. Cabe salientar que retomar os conceitos centrais da esfera do problema espacial contemporâneo, é necessário, para que o sentido da informação geográfica caminhe junto à filosofia política. Já que "*...a comunicação será o jogo permanente da informação em reação a outras informações*" (P. Breton, 1991: 155).

Agir, então, no mundo da informação através das comunicações, envolve a criação dos artefatos de ligação, união, de homeostase ou *feedback*. Envolve as próteses humanas, a história da cibernética e da filosofia, nas quais a seletividade é o fundamental. Envolve as máquinas e os utensílios criados para a multiplicação do trabalho e para a ruptura do cogito. Estas próteses são introduzidas na vida cotidiana de modo a atingir o isolamento do ser. *As máquinas informacionais* compõem um conjunto de atividades quotidianas que fazem dos acontecimentos a própria seletividade. É o sentido unilateral das várias finalidades da informação, seu uso e significado, bem como a comunicação efetiva.

Tudo isso promove a unificação do ser em comunidade. As sociedades em geral, até hoje, promoveram o isolamento, a separação e individualização de grupos humanos e de sujeitos. Por mais que se queira que elas desapareçam em nome de uma sociedade global, a dimensão do mundial exige abnegação e generosidade conceitual. De fato, se o nacional e o global se misturam, se o local como parte e o territorial como todo, são permanentemente construídos e produzidos, o que se espera do ser humano e das sociedades é que ambos considerem as condições de mundialização como novos referenciais para a realização de uma verdadeira *comunidade humana* (Lucien Goldmann). No entanto, ao que parece, se está distante desta possibilidade já desejada por outros.

Comunidade informática, comunidade cibernética ou qualquer outro qualificativo que seja, mesmo o mais apazível, vai ter que considerar as condições do mundo atual como inéditas. Por isso, vai ter que comportar a vazão do novo, metamórfico e revolucionário. Terá que compor, seja de que modo for, com o acaso e a necessidade (J. Monod, 1972: 137) e a ubiqüidade da informação.

Muitas são as variáveis que influenciarão na determinação da execução deste tipo de atividade de pesquisa, efetivamente, a inserção dos sujeitos na tecnosfera e na psicosfera já é problemática.¹² A própria busca da trajetória real-virtual, virtual-real trabalhada atualmente nas mídias como totalidade, *oferece os signos que dão sentido aos acontecimentos da vida no dia-a-dia*; ou seja, “o problema é que, quando começamos a fazer a análise do modo como cada um funciona, os mídias não são nada equivalentes, e a “mediação” começa a dar uma impressão escorregadia assim que a manipulação começa a encontrar espaço para se mover” (F. Inglis, 1993: 36).

Encontram-se, então, conceitos e teorias sobre o movimento das sociedades em comunicação. Aqui, uma disciplina tentará reger a orquestra. A partir do espaço geográfico, o fluir será, antes de mais nada, sujeito como *espaço territorial, espaço humano* (M. Santos, 1994: 122). Para tanto, não se pode fugir da experimentação, assumindo o projeto por dentro de uma disciplina política, sem torná-la um fetiche.

Bibliografia

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às Ciências da Informação e da Comunicação**. Tradução: Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1994 (Coleção Comunicação de Massa).

BRETON, Philippe. **História da Informática**. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo, Editora Unesp, 1991.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

CANEVACCI, Massimo. **A CIDADE POLIFÔNICA Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. Tradução de Cecília Prado. São Paulo, Livros Studios Nobel Ltda., 1993.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O QUE É FILOSOFIA?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992

GERTEL, Sérgio. "Globalização e meio técnico-científico: o nexos informacional". In **O NOVO MAPA DO MUNDO FIM DE SÉCULO E GLOBALIZAÇÃO**, Milton Santos, Maria Adélia Aparecida de Souza, Francisco Capuano Scarlato e Monica Arroyo (organizadores). São Paulo, Editora HUCITEC / Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 1993.

GERTEL, Sérgio. "A filosofia das técnicas". In: **Ensaio de Geografia Contemporânea: Milton Santos, obra revisitada**, Ana Fani Alessandri Carlos (organizadora). São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura**. Tradução: Luiz Fernando Cardoso, Carlos Nelson Coutinho e Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1967. (Série Rumos da Cultura Moderna)

HARVEY, David. **A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo, Editora Loyola, 1992.

INGLIS, Fred. **A Teoria dos Media**. Lisboa, Editora Vega, 1993. (Coleção: Comunicação e Linguagem)

LÉVY, Pierre. **AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

MONOD, Jacques. **O Acaso e a Necessidade**. Tradução: Bruno Palma e Pedro Paulo de Sena Madureira. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, (3ª ed.) 1972.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1975.

PARENTE, André. Introdução - Os Paradoxos da Imagem-Máquina. In: **IMAGEM-MÁQUINA A Era das Tecnologias do Virtual**. PARENTE, André (organizador). Tradução: Rogério Luz et alli. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

PERROUX, François. **Indústria e Criação Coletiva**. Tradução: Vítor Ochoa. Lisboa, Livraria Morais Editora, 1965.

Revista **TELEBRASIL**, Rio de Janeiro, ano XXII, v.6 nov./dez, 1981.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **ESTRATÉGIAS DA COMUNICAÇÃO Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade**. Lisboa, Editorial Presença, 1990.

SANTOS, Milton. **POR UMA GEOGRAFIA NOVA Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo, Editora HUCITEC / Editora da Universidade de São Paulo, 1978. (Coleção, teoria e realidade)

SANTOS, Milton. **PENSANDO O ESPAÇO DO HOMEM**. São Paulo, Editora HUCITEC, 1982.

SANTOS, Milton. **ESPAÇO & MÉTODO**. São Paulo, Editora Nobel, 1985. (Coleção espaços)

SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO**. São Paulo, Editora Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. “Renovando o pensamento geográfico”, In **HISTÓRIA E IDEAL Ensaios sobre Caio Prado Júnior**. D’INCAO, Maria Angela (org.). Editora UNESP / Brasiliense e Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo, 1989.

SANTOS, Milton. **TÉCNICA ESPAÇO TEMPO Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo, Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A NATUREZA DO ESPAÇO Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. Tradução Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Edições Loyola, 1994.

STENGERS, Isabelle. **Quem Tem Medo das Ciências? Ciências e Poderes**. Tradução: Eloisa de Araújo Ribeiro. São Paulo, Editora Siciliano, 1990.

Notas:

* Dedico este texto à Professora Maria Adélia Aparecida de Souza por seu incentivo e apoio, intelectual e humano.

1. "... *Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização in loco, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. ...*" Todas as citações estão em G. Deleuze e F. Guattari, 1992, p. 111.

2. Sfez (1994: 37) cita Bateson (*La Nature et la Pensée*, Paris, Ed. du Seuil, 1984): "*A informação consiste em diferenças que fazem uma diferença*".

3. "... *A natureza é legitimamente elegante, a cultura é convencionalmente confusa. Uma teoria adequada da comunicação social (concordo com Raymond Williams que este seria um melhor nome para os mass media) deve pelo menos fazer corresponder a sua forma às próprias formas de vida. A teoria humana deve manter-se suficientemente próxima da confusão da vida humana para dar conta do tempo e do acaso, da morte e da paixão, da guerra e do dinheiro.*" (F. Inglis, 1993: 231)

4. A descaracterização da Produção no sentido do ser humano, atinge a essência da sensibilidade: "... *O mercado cultural é um lugar extremamente instável para se trabalhar e negociar. É um negócio de gostos e juízos de valor, as escolhas que as pessoas fazem sobre o modo de utilizar o seu tempo por vias que extinguem a sua consciência de si próprias como individuais e diferentes. ...*". (Idem, 1993: 161).

5. "*Mídia é um neologismo proveniente do plural do vocábulo latino **medium** e que nos chega através da influência entre nós da língua inglesa. Em seu significado mais amplo se refere ao ambiente no qual se processam os fenômenos e de maneira mais restrita, no caso, ao fenômeno da comunicação social*" (Revista **TELEBRASIL**, 1981: 28). Fred Inglis fala que "Talvez devêssemos começar por nos lembrar novamente da sutileza da palavra *medium* (apesar de o plural em latim *media* se ter sobreposto por vezes como nome singular na linguagem-de-todos-os-dias) (n. t. em francês, particularmente, constituindo, pelo uso que lhe foi dado, um plural latino *les medias*). Um *medium* é qualquer instrumento de comunicação; transporta ou "mediatiza" a mensagem. ..."; op. cit.; p. 35. E, porque não considerar também o **NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO**, onde se encontra "**Média**. [Do lat. *media*, pl. de *medium*, 'o meio', 'o espaço intermediário'.] S. f. ...". (1975: 903).

6. Harvey diz também que Karl Marx, nos *Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844*, afirma que o capitalismo "*produz, de um lado, a sofisticação das necessidades e dos seus meios, e, de outro, uma bestial barbarização, uma completa, brutal e abstrata simplificação da necessidade*". (1992: 99).

7. "... *A ecologia trabalha com formas duráveis ou efêmeras, naturais e sociais, isto é, introduzidas pelo homem. As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados*". (M. Santos, 1978: 138).

8. Italo Calvino (1991: 23) é citado por Massimo Canevacci (1993: 119).

9. Algo assim como o que Canevacci afirma, sobre a referência do *shopping center*: "*Com o desenvolvimento do setor terciário avançado, a cidade "produz o consumo", produz comunicação. O que era uma atividade ligada à circulação inseriu-se diretamente na produção de valores, graças à multiplicação dos efeitos comunicativos.*

Este é o pós-industrial: basta entrar no Eldorado, o novo Viaduto do Chá todo coberto, mas que não liga nenhum lugar". (1993: 141).

10. *"O efeito da inovação contínua é, no entanto, desvalorizar, senão destruir, investimentos e habilidades de trabalho passados. A destruição criativa está embutida na própria circulação do capital. A inovação exacerba a instabilidade e a insegurança, tornando-se, no final, a principal força que leva o capitalismo a periódicos paroxismos de crise. ...". (D. Harvey, 1992: 102).*

11. *"Adiantei que a descoberta, não de uma testemunha fidedigna, mas da possibilidade de criar uma testemunha fidedigna, de simplificar e purificar sem, ao mesmo tempo, criar um artefato, era um evento raro. Tal tese opõe-se diretamente à idéia segundo a qual a "postura experimental" traduziria um método geral, imporia um "direito da razão" sobre os fenômenos. O evento que constitui um fenômeno em "ator" capaz de intervir nas discussões entre humanos, de dar, eventualmente contra todo bom senso, razão a uns e não a outros (não, evidentemente, num sentido absoluto qualquer, mas tendo em vista os meios e as questões dos protagonistas) não é nem programável nem redutível a um direito qualquer, mesmo que os conceitos científicos tiverem que definir a posteriori, uma representação daquilo a que a experimentação se dirige, que torne legítimo e inteligível o direito daquele que foi reconhecido como seu representante." (I. Stengers, 1990: 113)*

12. *"A tecnosfera é o resultado da crescente artificialização do meio ambiente. A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo. A psicofera é o resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo." (M. Santos, 1994: 32)*